
ALMADA, José Luís Hopffer. **Assomada nocturna**. (Poema de N'Zé di Sant'y Agu). Viana do Castelo: Cadernos da Lusofonia, 2005.

Percursos da memória, trilhos da nação

Inocência Mata*

A linguagem do escritor não tem por incumbência representar o real, mas significá-lo. (Roland Barthes)

Disse, um dia, o escritor queniano Ngugi Wa Thiong'o, romancista, ensaísta e um dos maiores intelectuais africanos vivos (infelizmente a viver nos Estados Unidos), que só falava do passado principalmente porque estava preocupado com o presente (THIONG'O, 1988). Afirmção polêmica, poderia pensar-se, uma vez que a História, isto é, o discurso de reflexão sobre o passado, não visa precisamente a construção do futuro a partir do olhar do presente.

É o que acontece no livro de José Luís Hopffer Almada, **Assomada nocturna**, a que o autor quis regressar – metafórica e geograficamente – doze anos depois da 1ª edição, em 1993, numa atitude de inusitada convocação simultaneamente lírica, de dominante elegíaca, e épica, de dominante conativa. Isso é, no processo de rememoração do passado da infância e juventude, o sujeito faz a celebração de um grupo, não propriamente através do que realmente tenha acontecido, mas sim através de uma vivência fictícia, ou seja, através da significação da lembrança do vivido. Bem lembra Roland Barthes que “a linguagem do escritor não tem por incumbência representar o real, mas significá-lo”. (BARTHES, 1978, p. 205)

Ainda que o longo drama narrativo de oitenta e nove segmentos que é **Assomada nocturna** – quando o primeiro **Assomada nocturna** tinha apenas trinta e dois – pareça referir eventos acontecidos nas mil e uma noites solarengas da então vila de Assomada, com atores que conhecemos e com os quais privamos, com uma disposição eventualmente em progressão fatural – veem-se disseminados sinais do acontecido –, a sua ligação com a história, realidade sujeita ao desenrolar cronológico, ganha um caráter que ultrapassa a simples função de comunicar ou exprimir para, de novo Barthes, “impor um além da linguagem que é ao mesmo tempo a História e o partido que nela se toma” (BARTHES, 1997, p. 11). Este

* Universidade de Lisboa. Texto de apresentação do livro **Assomada nocturna**, lançado no dia 25 de Novembro de 2005, na Associação Cabo-verdiana, em Lisboa.

tempo pode considerar-se a fase de “conhecimento do mundo”, que se fez tanto nas noites de leitura do Padre Antônio Vieira à História das ilhas feita de grilhetas e engenhos, do *yé-yé*, *rock-n-roll*, *twist*, *rumba*, *merengue*, *cúmbia*, *coladera* à imaginação do maravilhoso e fabuloso:

Io ioi Irodina
N ba ta pasa na Matu Njenhu
N atxa kuantu boi na gera
dos ta da
dos ta npara
kel ki npara
ki ê más balenti
más balenti ê Nhônô Rita
Nhônô Rita di bongolon
sabola berdi ádjú madur
io ioi Irodina
(ALMADA, 2005)¹

Tempo de aprendizagem após o qual todos se disseminaram pelas quatro partidas do Mundo e pelos vários trilhos da Vida: estas figuras não funcionam mais do que como metonímias da História da Assomada, microcosmos, por sua vez, da nação cabo-verdiana. Esse poema é, assim, um hino a uma Assomada original em que a “comunidade” era, de fato, o produto de um *desideratum* que existia performativamente.

Se é verdade que a narrativa é a modalidade de discurso que melhor permite representar o passado, uma vez que é uma arte essencialmente temporal, a poesia é a modalidade privilegiada para a expressão de sentimentos, mesmo se, no caso, estejamos perante recordações que advêm das vivências afetivas e históricas, humanas e espaço-temporais, sonhos e aspirações geradas na mátria santacatarinense, cujo núcleo uterino é Assomada. Sobretudo se essa poesia se fizer presentificação de eventos, acontecidos ou imaginados, através de estratégias verbais próprias do discurso dramático – pois sabemos que as categorias “real” e “imaginável” podem ser fundamentos da veracidade e da verosimilhança, mas não da história e da literatura.

Existe, de fato, em **Assomada nocturna**, que é, afinal, um novo livro, a exponenciação de uma dinâmica temporal em dois movimentos – o passado e o presente em atividade rememorativa. Logo o primeiro poema, “Autobiografia

1 - Io ioi Irodina / ao passar pelo Mato Engenho / surpreendi quatro bois guerreando-se / dois atacavam / dois se defendiam / os que se defendiam / eram os mais valentes / mais valente é Nhônô Rita / Nhônô Rita de bongolon / cebola verde alho maduro / io ioi Irodina.

ortónima” – poema que antes, na **Assomada nocturna** de 1993, se intitulava apenas “Autobiografia” –, é um poema em que se torna evidente o “transcrescimento” do sujeito enunciador e, simultaneamente, se anuncia a expansão espacial – isto é, geográfica –, espiritual e cultural da criança que um dia cresceu e se aventurou por outros horizontes, exteriores à “comunidade imaginada”:

criança ainda
 galguei as exaustas margens das ribeiras
 a húmida orografia da Assomada
 e fiz-me árvore do planalto
 (...)
 de costas para o mar
 insinuei-me
 - para além da ilha -
 na lenta e transparente
 caminhada das nuvens
 para de Leipzig beijar
 a neve com odor
 a carvão e melancolia
 para da Europa
 longamente acariciar
 o níveo e silente frio
 (ALMADA, 2005)

É tão importante esse “manifesto de vida” que, a partir desse momento, o longo poema vai ler-se como a rememoração de um ritual de iniciação de cujo aprendizado os iniciados se serviriam para resistir às “noites em marcha”, “noites várias/ estilhaçadas/ no alvorecer/ das esporas guerreiras/ no amanhecer/ das esporas diurnas/ no estremecer/ do canto exato amotinado/ dos galos da Assomada”.

Esse processo mais não foi, perceberá mais tarde o sujeito, do que de aprendizagem da vida juntamente com os inúmeros amigos de infância, seus interlocutores, de entre os quais se destaca Digho como o paradigma desse processo de presentificação do passado, pois que é interpelado no início e no final da narração rememorativa: e não é despiendo fato de, no final, o enunciador se dirigir a Digho com uma fina amargura, num tom sutilmente elegíaco: “Lembraste ‘ainda’, Digho?” (meu sublinhado). Na verdade, esta ‘oração’ – no sentido da oratória, da arte de discursar, da eloquência, ou seja, no sentido de fala eloquente em ocasião solene – tem uma dinâmica que se projeta no futuro, em nostalgia de um tempo cujo significado não terá sido entendido no presente “daquele” passado e que o sujeito quer recuperar na sua significação histórica, discorrendo, neste

balanço, pelos trilhos de uma linguagem testamentária, no final dessa viagem rememorativa.

Nesse processo de vazamento rememorativo, a poesia, embora muito intimista – daí o intenso lirismo deste poema –, resulta pungente e corrosiva, não raro feita de linguagem de transbordante ludismo retórico, em que o equilíbrio entre o sobredito e o entredito é, por vezes, desigual, acabando, de certa maneira, por desorientar a imaginação crítica. A significação tece-se de muitos subentendidos que se reportam à História, como nos cinco trechos que se referem a Gustavo e Homero – de cuja memória se faz também nos quais percebe-se quase intuitivamente a história de Assomada:

1. Ai noites de Assomada
noites de Homero e Gustavo
sob as vestes da noite
proclamando
o sagrado do chão trilhado do chão beijado
por Nho Naxo e pelas suas palavras
ricocheteando másculas como provérbios
percutindo prematuras e ascéticas como profecias
ali ben tenpu
ki orina di bránku
nen pa ramédi
ka ta atxadu
(...)

2. Noites de Homero e Gustavo
inclinando-se
reverentes
em veneração
dos cadáveres imaginários
de Gervásio Francisco e Narciso
arcabuzados
traídos
na sua exangue
na sua alucinada visão
de um Santo Domingo badio
de um Haiti verdiano
irrompendo da noite de monte agarro
e das grilhetas da ilha
de Santiago de Cabo Verde
(...)

3. Noites de Homero e Gustavo perfilando-se
solenes
em rememoração

da lucidez de Nho Nhonhô Landim
ladino chefe dos rabelados
(...)

4. Noites de Homero e Gustavo
deslumbrando-se
com a parcimônia sem mácula
despida de pânico
das courelas de terra
(...)

5. Noites de Gustavo e Homero
proclamando
na primeira das esquinas
o advento de Amílcar vivo
(...)
(ALMADA, 2005)

É significativo o fato de esta citação da História terminar em e com Amílcar. Amílcar Cabral que se quer e se mantém vivo: os tempos de vivência, reportando-se aos anos de juventude, ganham significado na consciência histórica do enunciador – anos depois, ainda jovem, em espaço-tempo de formação, então em Leipzig – e na representação do cerzir do espaço cabo-verdiano, agora em espaço-tempo de reflexão: não é possível ignorar o fato de o poeta ser, hoje, uma voz pertinente na atividade pensativa da nação. Ganha, por isso, significação extratextual um dos últimos trechos da peroração²

Todos nós éramos
artefactos de barro
por mãos rudes rigorosas
por mãos negras neolíticas
torneados
por mãos divinas
moldados
e inoculados com o sopro da alegria
(ALMADA, 2005)

Existe nessa enunciação uma dimensão nitidamente adâmica, primordial. Quer dizer, o sujeito enunciador apresenta-se e apresenta a sua geração como entidades moldadas por mãos contaminadas pelo poder criador da divindade até, porém por mãos que funcionam como sinédoques do *Homo faber*, pensado na sua

2 - Última parte de um discurso.

materialidade, na sua espiritualidade e na sua culturalidade, e animadas por um sopro mágico: da “nação por vir”. Isto reforça a dimensão iniciática desse tempo, da **Assomada noturna** que se representa através de uma geografia identitária, a nível sóciopolítico, ideológico e afetivo, identidades que se expandem em cartografias outras e solapam o tempo da vila, hoje cidade, insular e nacional.

Em texto que serviu de prefácio a esse livro de José Luís Hopffer Almada, a que dei o título de “Corografias da memória” (ALMADA, 2005, p. 7), afirmei que a convocação dos vários atores do tempo de infância e juventude, “nos seus diversos e diferentes meandros espaço-temporais, gera uma sinergia centrípeta que culmina na mais eufórica solaridade, antecedida da evocação dos tempos de convivência e comunhão – que na edição de 1992 era reforçada pela convocação dos lugares de memória infanto-juvenil, numa original apoteose toponímica”.

Noites solarengas

Noites claras
explodindo
evidentes
no cântico
ridente
estridente
de repente
em manhãs verdes
às portas abertas de chão bom
às portas libertas despertadas das ilhas
na alvorada da Assomada

Lembram-se, mocinhos?
(ALMADA, 2005)

Esta convocação intenta, no entanto, uma revitalização do seu próprio ser, da sua condição de agente da história. É como se o sujeito, nesse processo de expressão apelativa – “Lembras-te? –, quisesse, ele próprio, não esquecer e reenergizar-se com o fio das suas palavras. É, por isso, significativo que logo no início, no primeiro poema, “Autobiografia ortónima”, o enunciador nos informe que:

hoje sei que sou
um simples signo de adão e eva
e do seu éden pétreo no pico de antónio
(ALMADA, 2005)

Ele reforça, com a citação explícita aos míticos primeiros homens, Adão e Eva, a dimensão demiúrgica, formativa do rapaz que viveu a voragem das mil e uma noites da Assomada matricial.

Esta **Assomada noturna** acaba por ser, afinal, um convite ao conhecimento da geração daqueles meninos que mais não são do que metonímia da caminhada de seu país, Cabo Verde.

Referências

ALMADA, José Luís C Hopffer. **Assomada noturna**. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.

ALMADA, José Luís C. Hopffer. Poema de N'Zé di Sant'Y Águ. In: **Assomada noturna**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Lisboa: Edições 70, 1978.

THIONG'O, Ngungi Wa; Stephen Gray. **Research in african literature**. 19 April, 1988.